

Otávio Tirso de Andrade

Ao generalizar-se o sentimento de que a próxima Constituição é inexequível, surgem movimentos visando mantê-la como está. A fim de instalar-se no poder, a minoria que manobrou simplórios e desatentos quer preservar a sementeira de conflitos, cizânias e impossibilidades, plantada com tanto êxito. A explosão demográfica, o colapso material e moral em nossas grandes cidades e o frêmito subversivo das células "católico-libertadoras", evangélicas e marxistas — em metástase acelerada por todo o tecido social — deixarão as massas à mercê dos populistas, se a nova Carta vier mesmo a impedir a acumulação de poupança e a proliferação de investimentos requeridos pelo país.

O esquema se desenvolve ao longo de linhas perfeitamente discerníveis. Há os que recomendam conformar-nos aos absurdos do projeto para, após a sua promulgação, procurarmos "melhorá-lo" e torná-lo menos amargo. Essa espécie de capituladores efetua uma análise ardilosa da revolução portuguesa. Segundo eles, a queda de Marcelo Caetano permitiu à *lumpen-intelligentsia* lusa impor uma Constituição socialista a Portugal. Mas, transcorrido algum tempo de "indispensável maturação", os liberais estariam prestes a destronar a planta daninha, graças à eleição do governo Cavaco e Silva. A nós caberia, portanto, portarmo-nos com resignação. Tomado o laxativo deveríamos limitarmo-nos a cruzar os braços e aguardar o seu inevitável efeito... Na outra vertente encontramos os que ousam ameaçar-nos com a "guerra civil", se as tais "conquistas democráticas" vierem a ser eliminadas no segundo turno de votação.

Apressemos-nos a desmascarar a mistificação e a enfrentar a ameaça. Em primeiro lugar os apaziguadores lusófilos perdem de memória a dimensão de Portugal, cuja população total é numericamente inferior à da capital de São Paulo e cidades satélites. Além disso, olvidam a geografia do território, confina-

do entre a fronteira espanhola e o litoral atlântico, aberto à influência e à intervenção das forças democráticas. (Portugal não é a Albânia.) As peculiaridades demográficas dos portugueses, tradicionais exportadores de mão-de-obra não qualificada, também são esquecidas pelos apressados "cientistas políticos" os quais ainda desconsideram, de propósito, que a inevitável perspectiva de ampliação do Mercado Comum a toda a Península Ibérica inviabilizaria no tempo, como efetivamente inviabilizou, a possibilidade da permanência de alternativa totalitária esquerdista em sucessão ao salazarismo anacrônico. Os pérfidos contemporizadores obliteram, por fim, o reconhecimento de uma circunstância incontestável: — a irrupção esquerdista em Portugal tinha os dias contados ao nascer, tanto quanto teria agora, na área da "Cortina de Ferro", a tentativa da reposição de um Hoenzollern em Berlim ou de um Habsburgo em Budapeste.

O maior devedor do mundo — primeiro entre os países do continente de grandes devedores — assaltado por burocracia imensa, corrupta e inepta; às voltas com migrações desordenadas de massas miseráveis cada vez mais numerosas; intranquillizado na ordem pública, a ponto do habitante dos grandes centros urbanos não poder ir e vir ao trabalho, sem arriscar a própria vida, o Brasil não é o "jardim da Europa, à beira-mar plantado". Ao Norte temos fronteira praticamente desguarnecida ao longo da qual perpassam traficantes de tóxicos, contrabandistas e guerrilheiros colombianos; a Oeste há o "Sendero luminoso", e onde não encontramos produtores de coca nos deparamos com o avelhantado general Stroessner, cuja sucessão inevitavelmente resultará em agitações e perigosos conflitos político-sociais: ao Sul não podemos dar como inexistente a presença peronista, adubada eternamente no perigoso caldo do revanchismo rosista, que os levanos e subversivos do Itamaraty tanto fazem para manter em banho-maria. O imenso litoral sobre o Atlântico confronta-nos com a África de governos ditatoriais aladroados ou fascistas-esquerdistas, a assolarem as respectivas populações de forma cruel, pior que a dos antigos

colonialistas. As lufadas revolucionárias vindas de lá só não chegarão até aqui se as conveniências e interesses estratégicos das grandes potências afinal as amainarem.

Nesse quadro de convulsões e desordens que o "fio dental" da onerosa propaganda oficial apenas finge ocultar — a alto custo, evidentemente — recomendam imobilizar-nos a ouvir fados, à espera que um vago Cavaco e Silva ainda não gerado surja de mãe não nascida para afinal nos salvar. Ora... Francamente!

A receita de um inexistente comportamento "à portuguesa", após a nossa Constituição entrar em vigor com todos os males que contém, é uma falácia não apenas arrufionada mas francamente maligna. Antes de mais nada lembremos que os democratas portugueses não cruzaram os braços diante dos Álvaro Cunhal, dos Otelo de Carvalho e outros que tais, pois mesmo sabendo-se parte integrante do Ocidente dispuseram-se ao combate desde o primeiro dia, como se vivessem isolados. O ensinamento que nos vem da antiga metrópole é a da disposição para a luta em defesa da liberdade, luta jamais adiada ou esmorecida.

Quanto às cominações desaforadas, o arreganhar dos dentes, as bravatas dos marxistas encachaçados com as vitórias fáceis obtidas na Assembléia Constituinte, vemos ter o propósito de imobilizar reações para permitir-lhes conquistar o Brasil sem resistência.

A "democracia" que essa malta tem a oferecer-nos é a do ignóbil coronel etíope que troca por armamentos os alimentos a ele doados, pelo Ocidente, para salvar populações esfaimadas. A "liberação socialista" a nós proposta — a fim de resgatar-nos das "multinacionais"... — é vigente entre os angolanos de Luanda, ocupados por russos e cubanos, a ponto de um ministro de Fidel Castro figurar na delegação enviada a Londres, nos primeiros dias de maio passado, para negociar diretamente com sul-africanos a trégua arquitetada pela URSS e pelos Estados Unidos. O "progresso" dos comunistas é o que devasta Moçambique e obriga os ditadores da colônia "libertada" a solicitarem

socorro econômico ao arquiinimigo sul-africano. As soluções marxistas ostensivas ou disfarçadas com as quais os brasileiros deverão conformar-se, para não sofrerem a "ira do povo", são as que levaram a economia a malogro impossível de ocultar na URSS e na Europa Oriental, e cujo crescimento — observam comentaristas europeus — não resiste à menor comparação com o acelerado progresso das democracias capitalistas do Ocidente.

As múmias marxistas tentam amedrontar os liberais no preciso momento em que a crise do socialismo leva os governos "eleitos" pelo Exército Vermelho a cruzarem os braços ante a generalizada contestação ao dogma leninista segundo o qual "o Partido" sempre deve deter o monopólio da verdade e do poder; na mesma hora em que o próprio Gorbachev, não obstante proclamar-se discípulo de Lenine, porta-se de fato como um dissidente, movido pela necessidade de modernizar o seu país e dar ao povo, aos civis, melhores condições de vida.

O que dizer então do que vai pela Polônia e a Hungria onde, como acontece no primeiro caso, o proletariado sai à rua para lutar contra o "governo da classe operária" e, no segundo, vemos a contestação propagar-se até aos círculos dirigentes? (Refiro-me à substituição de Janos Kadar por Karoly Grosz na direção do PC húngaro.)

Não! A atroada não deve emudecer as forças liberais em vésperas de votação de segundo turno. A Constituição a ser revista é um molde para camisa-de-força. O contexto, prolixo, detalhista e contraditório espelha o malogro, a incompetência da direção política do país, notadamente a dos srs. José Sarney e Ulysses Guimarães. Impõe-se examiná-lo cuidadosamente neste momento derradeiro e mobilizar forças para expurgá-lo de dispositivos inspirados no socialismo e dos que são acrimoniosos e tresloucados.

Na eventualidade de não ocorrer a hipótese, a esquerda estará a um milímetro do poder — para desgraça desta e de muitas futuras gerações. O que mais seria preciso acrescentar para confirmar a urgência da indispensável tarefa?